

LITERATURA AFROFEMININA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES EM TORNO DAS AFETIVIDADES DE ADOLESCENTES NEGRAS

Amanda Crispim Ferreira – amacrispim@gmail.com

Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras/UEL e docente no curso de
Letras Ead Unopar

Débora Maria Proença – debyproenca@hotmail.com

Mestra em Ensino de Ciências Humanas pela Universidade Tecnológica Federal do
Paraná (UTFPR)

RESUMO: Na adolescência acontece as vivências afetivas, nela são desveladas as experiências que envolvem não apenas amizade entre meninos e meninas, mas relacionamentos que podem chegar a iniciação sexual por vezes precoce. Também é na adolescência que evidencia-se as transformações do corpo, gerando conceitos de beleza e conflitos acerca do que é bonito e aceitável. No espaço escolar, essas questões ganham formato produzindo situações de discriminação e preconceito. Essas vivências podem trazer envolvimento desastrosos e marcar negativamente as histórias dificultando o processo da autodescoberta. Refletir e discutir sobre as experiências e vivências sexuais dos/as adolescentes no espaço escolar não é tão fácil, pois há ainda uma certa resistência em discutir sobre o tema na sala de aula. Evidencia-se também que além das dificuldades em adolecer, as meninas negras sentem-se rejeitadas e desvalorizadas por não se “encaixarem” no padrão de beleza que molda nossa sociedade. Diante deste contexto, propusemos práticas pedagógicas acerca das afetividades de adolescentes negras a partir da escrita de mulheres, também negras. A escrita afrofeminina ganha visibilidade no cenário da tradição literária sendo uma literatura diferente e inovadora e que pode contribuir, interferir e auxiliar professores/as e alunos/as nesta discussão tão necessária para a construção de personalidades fortes e conscientes, capazes de libertarem-se de estereótipos e aprofundarem-se na busca do que é verdadeiro em cada uma, fortalecendo-as em suas identidades.

PALAVRAS-CHAVE: afetividades; sexualidades; adolescência; literatura afrofeminina.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade me fez homem branco:
Hoje eu grito e luto por
Ser negra-mulher.”
(Benedita da Silva, 1998)

“Adolescer” é um processo biológico que acontece naturalmente com o ser humano, salvo as diferenças entre contextos sócio-históricos que decorrem também da cultura, passar pela adolescência hoje é ter não apenas transformações fisiológicas, psicológicas e sociais, mas também

tecnológicas. Qual adolescente não tem um aparelho celular como “anexo” de seu corpo? Qual adolescente não faz parte de grupos no *WhatsApp* ou na rede social?

O/a¹ adolescente da contemporaneidade tem na tecnologia uma forma diferente de “ler” o mundo, pelos vários aplicativos desse “apêndice” chamado celular, constroem redes de comunicação, ganham amigos virtuais, atualizam as “informações” do grupo e ainda utilizam esse recurso para exposição da própria imagem ou de outrem, sem contar nos comentários nem sempre agradáveis as/aos colegas, contribuindo para a expansão de linguagens e representações de si e do outro, alimentando a “sociedade do espetáculo”, como bem colocou Debord (2003).

De acordo com Prensky (2001), independente da classe social ou cultural, esses “nativos digitais”, se relacionam com as tecnologias móveis e com o ciberespaço de forma quase simbiótica. Fotografam e compartilham suas vivências com uma rapidez que se aproxima do tempo real, expõem suas experiências afetivas esperando “curtidas” como símbolo de popularidade - o que importa não é ser aprovado ou não, mas a quantidade de “visualizações”. Essa “nova” forma de viver e marcar suas impressões no mundo, implica em uma necessidade de reeditar e ampliar as capacidades físicas e subjetivas desse/a jovem em seu processo evolutivo, onde novos papéis farão parte de suas vidas: o papel social, sexual e afetivo. Tantas mudanças nem sempre transcorrem de forma pacífica para eles/as, que se veem diante de tantas tarefas árduas e importantes nesse processo de desenvolvimento que são tracejados de caminhos que contribuirão na construção de mais um papel social – a vida adulta.

Para um grupo de adolescentes e estudantes negras essa avalanche de modificações hormonais, sociais e culturais, aparecem bem nítidas no espaço escolar. A escola pública onde estudam é cenário, e ao mesmo tempo testemunha desse processo. Adolescer é uma fase individual, mas não desconexa, já que toda uma rede de relações influencia as atitudes desses/as jovens: a família, a sociedade, a cultura, a escola, a mídia e os grupos sociais. Dessa teia que cerca o/a adolescente, os/as amigos/as fazem parte do grupo que exercem um grande poder nessa relação, desde a aprovação ou não de um comportamento, a forma de falar e/ou de vestir e a aparência física são condições determinantes de aceitação ou não em determinado grupo.

Para as adolescentes negras, essa “aceitação” perpassa pelas relações afetivas que mantêm, seja pelas amizades ou pelo sentimento afetivo-moroso, mesmo passando pela negação de si ou

¹ Em determinadas marcas do texto, usaremos a anotação o/a, como marca identificadora de estilo de linguagem que manifesta nosso posicionamento político de defesa de igualdade do gênero feminino na linguagem em relação à sobreposição histórica do gênero masculino. Não empregaremos em todas as situações possíveis, como gostaríamos, porque o uso apenas pontual favorece o princípio de “limpeza” do texto, defendido por estudiosos da leitura e produção textual, e porque muitos integrantes da comunidade acadêmica não assimilaram esse uso que já se disseminou nos textos produzidos em diversos ambientes sociais – por exemplo, a administração pública, mas que ainda apresenta resistência no meio acadêmico.

por determinadas brincadeiras e comentários que fazem menção a cor da pele, corpo e cabelo. Apesar das situações, que em algumas vezes desvalorizam suas características e identidades, o que vale, pelo menos nesse momento, é o pseudo-sentimento de pertencimento.

O culto à beleza imposto pela sociedade atual define o modelo a ser seguido, ignorando aspectos como peso, altura e diversidade étnica, direcionando mecanismos de regulação e padronização social, disseminam imagens e discursos que enaltecem um tipo de corpo – o branco e esbelto, deixando os outros corpos sem representação significativa. Nesse campo, a beleza feminina molda-se em aspectos que negam muitas vezes a cor da pele, o cabelo crespo e enrolado.

A valorização de um modelo único de beleza que não considera as categorias de raça aponta uma opressão vivenciada pelas meninas negras em suas experiências no grupo e nas relações afetivas. Fica evidente que

[...] no campo das representações e da beleza, fica evidente a relação entre racismo e representações excludentes nas mídias, nas quais se verifica uma “loirização” de mulheres, causando assim uma desidentificação das outras mulheres e o estabelecimento de um ideal de beleza distante da realidade destas (CARNEIRO E FERREIRA, 2014, p. 142).

As brincadeiras e interações que acontecem no interior da escola desvalorizam, além dos corpos que não se encaixam nos padrões de beleza impostos socialmente, a origem, a crença, a cultura, a identidade e as contribuições dos negros para a sociedade brasileira. Das questões iminentes à adolescência, destaca-se a valorização da imagem disseminada por discursos que apresentam corpos e produtos – habitualmente brancos, magros – e constroem significados positivados sobre estes, deixando os outros corpos sem representatividade significativa nestes espaços.

As afetividades vivenciadas na escola, permeiam um simples “selinho” (beijo rápido onde os lábios se tocam rapidamente), troca de olhares, gestos e toque/contato com o outro, são os sentidos do adolecer.

[...] é a eclosão mais inesperada da potencialidade imensa que nele dormia como fóssil de significações. Pulsão beija-flor, a espreitar as mil faces que a vida lhe mostra. Busca de um palco para o desejo de tornar-se home/mulher/amante. O corpo adolescente torna-se esse palco onde as sensações mais fundas se encenam, se apresentam e se representam (CARIDADE, 1997, p.47).

Todas essas sensações não apenas alongam-se e alargam-se, mas cresce em sua totalidade, impondo tomadas de decisões e impulsionando o/a adolescente no desencadear das experiências

sexuais. Dessa forma, os corpos são atravessados por classificações, atribuições de qualidades e status, sendo o corpo da menina negra (des)valorizado, dependendo da intenção de quem o deseja, ou seja, para alguns meninos o corpo dessa menina é fonte de prazer sexual, porém não reconhece a menina negra como alguém que possa ter um relacionamento mais duradouro.

Não que nas relações afetivas dos adolescentes isso não seja algo comum, casual e recorrente, mas a questão está na maneira como as coisas se desenvolvem, ou seja, o comportamento de alguns meninos em relação a menina negra é de gozação e desrespeito, agem com desprezo e ainda fomentam fofocas para o grupo, inclusive nas redes sociais. Essa conduta deixa nítida a desvalorização não apenas do gênero feminino, mas da forma que eles veem a menina negra.

Além das inquietações frente as vivências e experiências afetivas que perpassam pela sexualidade, há na sala de aula o enfrentamento na forma de tratamento das outras meninas em relação às meninas negras. As comparações sobre o cabelo, a pele, o corpo entre outras como classe social e econômica são inevitáveis, comportamento “comum” entre adolescentes, mas torna-se discriminatório e racista quando há uma valorização de um em detrimento do outro.

Ao tomarmos conhecimento das experiências afetivas das adolescentes no âmbito escolar, chamou-nos a atenção as histórias das meninas negras, não que as outras histórias não sejam relevantes, mas o tom dessas jovens inquietou-nos, pois sentimos nesses relatos uma mistura de dor, rejeição e submissão, entendemos, então a necessidade de provocar reflexões sobre as afetividades de forma mais contundentes e reais para todos e todas. Vislumbramos nas escritas de autoras negras a oportunidade de mostrar às meninas como se deu o processo de identificação e empoderamento dessas escritoras rumo à construção de sua identidade negra.

2 A LITERATURA AFRO - FEMININA E AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NEGRAS

A literatura nos possibilita acessar outras realidades e também compreender o que está dentro de nós. Por meio dela, podemos ir além daquilo que nos é apresentado, conhecer o outro e a nós mesmos. Candido (1972), afirmou que a função da Literatura está muito além de um mero entretenimento, ela nos forma e humaniza “A literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, por que faz viver” (CANDIDO, 1972, p.806). Tal afirmação dá poder ao texto literário, como se ele fosse capaz de transformar contextos, trajetórias, destinos e sentidos. Apoiando-nos nessa colocação, reconhecemos as escrevivências das mulheres negras como uma ferramenta possível neste processo de compreensão das sexualidades das adolescentes negras, pois, ao observarmos esses textos nos encontramos com narrativas semelhantes às das nossas alunas.

Creemos também que o contato com essa escritura poderá ajudar essas jovens a lidarem com suas relações afetivas e suas vivências da sexualidade de maneira mais positiva e saudável. Entendemos que personagem e leitor poderão, de alguma maneira, ajudarem-se. Sabe-se que grande parte dessas alunas não têm com quem confidenciar suas angústias, pouco sabem sobre as transformações da adolescência e apresentam uma consciência mínima do racismo e do machismo presentes em nossa sociedade, por isso cremos que o encontro dessa escritura possibilitará esse momento.

A literatura afro - feminina apresenta uma escritura que não deseja ser neutra, mas apresenta-se negra e feminina. Tem cor, posição social, sexo e preocupa-se em incomodar seus leitores, levando-os a questionar o que nos foi e é apresentado. Tal movimento é importante, pois é sabido que a História Oficial, ou a história contada nos livros, foi construída por meio da narrativa dos vencedores, excluindo-se a dos vencidos. A nossa história foi manipulada e a sociedade foi criada à luz desse pensamento dominante, em que mulheres, negros, pobres, homossexuais, entre outras minorias, tiveram suas vozes abafadas. O discurso corrente está sob esta perspectiva, por isso urge que a educação formal impeça que essa crença perpassa pelas salas de aulas, impedindo a reprodução de discursos falsos e enraizados na sociedade.

Ao contrário do que se imagina, a mulher negra está presente nos textos brasileiros desde o Barroco, com Gregório de Matos Guerra. Contudo, é uma presença estereotipada e zoomorfozizada, nunca humanizada, ou seja, são personagens sem importância ou que apenas reproduzem estereótipos como o da mulata “tipo exportação”, que serve de objeto sexual do homem branco, ou da negra boa para o trabalho braçal, ou do preto velho, entre outros. Assim como Gregório de Matos, outros nomes de nossa Literatura reforçaram essa visão, como José de Alencar, com suas “morenas ardentes” e “escravas dóceis e manipuláveis”, Aluísio de Azevedo, com suas Ritas Bahianas e Bertolezas, Jorge Amado, com suas Gabrielas, Terezas Batistas, Tietas do Agreste, e tantas outras mulatas assanhadas, objetos sexuais de homens brancos, escravas boas, negras estéreis ou como disse Eduardo de Assis Duarte (2010) “mulheres marcadas” de nossa Literatura. Já os textos negros femininos desejam, antes de tudo, dar voz a essas mulheres e apresentá-las como realmente são, livres desses estereótipos, fazendo-as sujeitos de suas escrituras. (CARNEIRO, S/D, S/P). São textos que possuem a marca da escrevivência, ou seja, escrita da existência. É resultado daquilo que viveu, viu ou ouviu. São fruto de suas experiências de vida e representa sua força, luta e resistência.

Acredita-se que a literatura afro-feminina teve início em 1859, com a publicação do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Digo acredita-se, porque não se pode negar que, provavelmente, outras mulheres negras escreveram antes de Firmina, mas não temos notícia, visto que no século XIX, era, praticamente, impossível uma mulher poder escrever em um jornal ou

publicar um livro. Um exemplo claro dessa situação, é o próprio *Úrsula*, que foi lançado sob o pseudônimo de “uma maranhense”. O romance aborda não só a questão feminina, mas também a negra, por fazer a forte crítica ao patriarcado e também uma denúncia do tráfico negreiro. Assim, tal obra é um marco, que empenhou-se em “destronar a autoridade do falo-etno-euro-centrismo” (ZOLIN, 2009, p.329). Saindo do século XIX e chegando no século XX, temos Carolina Maria de Jesus, em 1960, com a publicação de *Quarto de Despejo* como outra precursora da escrita afro-feminina. Mãe de quatro filhos, favelada e escritora, Carolina tornou-se inspiração para outras mulheres negras quererem acessar a escrita, processo ainda difícil para as mulheres, principalmente as negras. Desde então, nomes como Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Sônia Fátima da Conceição, Miriam Alves, Lia Vieira, Ana Cruz e Cristiane Sobral passaram a publicar suas escrituras, fortalecendo e consolidando a literatura afro-feminina.

Sendo assim, o estudo das escrituras de mulheres negras na escola é mais uma forma de denunciar a situação pela qual ainda estão submetidas as mulheres negras, pois, revela quem são essas mulheres que estão em constante busca por seus direitos, desde aqueles considerados os mais básicos, como o direito ao pão, à moradia, ao trabalho e até aqueles considerados mais “complexos” como o direito à fala, à maternidade, ao corpo, à sexualidade, ao estudo, à afro-brasilidade, à ancestralidade, à religiosidade, à memória, à poesia, à família e ao amor.

2.1 AS LEITURAS SELECIONADAS PARA O TRABALHO EM SALA DE AULA

Reconhecendo na escritura das mulheres negras uma ferramenta positiva no processo de compreensão das representações – de gênero e étnica - das adolescentes negras, propusemos às professoras de Língua Portuguesa e História atividades pedagógicas a partir da literatura afro-feminina. Falamos sobre a proximidade que essas narrativas têm com histórias relatadas no espaço escolar e que a leitura desses contos e poemas poderão contribuir para o fortalecimento e construção das identidades das meninas negras.

Às professoras foram apresentadas as obras *Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção* (2011) de Cristiane Sobral, da qual extraíram o conto “Pixaim, e o poema “Coração Tição” (1997) de Ana Cruz. Ao apresentar a Literatura afro-feminina a elas, discutimos sobre as inferências que essas escrituras apresentam têm que procuram incomodar, transgredir e levar a questionamentos o que foi e é apresentado. Esse despertar revela-se importante porque a leitura que ainda se faz da mulher, sobretudo da mulher negra é a de dominação e submissão frente as questões raciais e de gênero. Despertar o olhar das docentes para uma leitura crítica do contexto sócio-histórico da escritura de

mulheres negras, se fez necessário, pois o trabalho efetivo em sala de aula deve provocar tais reflexões.

O trabalho começou no início do segundo trimestre. As docentes organizaram suas aulas a partir dos textos selecionados e como as turmas são distintas puderam trocar impressões e observações das alunas. No primeiro momento apresentaram as autoras às turmas que ficaram impressionados em ler pessoas jovens e “atuais”, conectadas e acessíveis ao público. Uma das alunas chegou a comentar que “a literatura vista nas aulas de português só fala de gente morta e antiga”, ou seja, mostrou-se surpresa com a proximidade e atualidade das autoras, isso serviu de incentivo para a leitura.

O primeiro texto lido foi o conto “Pixaim”, escolhido por tratar de um tema tão importante às pessoas negras - os cabelos. O texto apresenta uma contribuição relevante para a vida da menina negra, auxiliando na busca de sua identidade, desvinculando os modelos estéticos do embranquecimento que impõem padrões que negam a estética e beleza das pessoas negras.

A narrativa fomenta a discussão de um pensamento social de superioridade das etnias do branco sobre o negro. O conto relata a imposição dos padrões estéticos do cabelo liso a uma menina negra que apreciava seus cabelos pixaim, mas foi forçada, pela mãe, ao alisamento. No decorrer da história percebe-se que a intenção da mãe era de proteger a filha para ser aceita no grupo. As interpretações desse texto trouxeram grandes revelações para as meninas que se identificaram com a personagem, citando trechos do conto:

[...] Uma amiga negra que eu tinha costumava amarrar uma toalha na cabeça, e andar pela casa, fingindo que tinha cabelo liso e dizia que o sonho dela era ter nascido branca. Eu achava estranho. Não percebia como alguém poderia ser algo além daquilo que é (SOBRAL, 2011, p. 21,22).

Eu sabia que não era igual às outras crianças e que não podia ser tratada da mesma forma. Mas como dizer isso aos outros? (SOBRAL, 2011, p.21).

O negro sempre foi pra mim um desconhecido, a fantasia, o desejo. Cresci tentando ser algo que não conhecia, mas que intuitivamente sabia ser meu, só meu... (SOBRAL, 2011, p. 24).

Os trechos citados revelam a identificação das alunas com a narrativa, também apontam conflitos existenciais das meninas que passam pela crise natural do adolescer somando-se as perdas e negação de suas identidades étnicas sendo discriminadas nos seus lares e nos espaços sociais que transitam. Todo tempo são lembradas que os padrões de beleza aceitos não é o que elas apresentam, é evidente a relação entre racismo e representações excludentes nas mídias. As alunas, após um

momento de reflexão e discussão sobre o tema negritude, afirmação da beleza e símbolos sexuais perceberam que aceitar o cabelo na sua forma natural é um modo de resistência e afirmação de luta e cultura, uma maneira de manter suas raízes, independente daquilo que os outros pensem ou digam sobre o seu jeito de ser.

Aceitar o pixaim é uma forma de ressignificar sua história, de aceitar sua representação social, política e de gênero. Perceber que a luta das mulheres negras, sejam elas escritoras, artistas, professoras e mulheres comuns é uma forma de resistência, apesar das representações sociais estereotipadas e dos preconceitos vividos. Essa também é a função da literatura afro - feminina brasileira, apresentar novas visões de mundo ao seu público e isso passa muitas vezes por uma busca de novos sentidos para palavras ou expressões já conhecidas.

O segundo texto estudado foi o poema “Coração Tição”, de Ana Cruz (1997):

Quero me lambuzar nos mares negros
Para não me perder,
Conseguir chegar ao meu destino.

Não quero ser mulata
Sou afro-brasileira-mineira.
Bisneta
De uma princesa de Benguela.

Não serei refém de valores
Que não me pertencem.
Quero sentir sempre meu coração
Como um tição.

Não vou deixar que o mito
Do fogo entre as pernas iluda e desvie
Homens e mulheres
Daqui por diante.

(CRUZ, 1997, p.31)

A impressão do grupo de alunas no primeiro momento evidencia uma conotação sexual, principalmente pelos versos da última estrofe, destacando o verso “Do fogo entre as pernas iluda e desvie”, a menção das palavras “fogo” e “pernas” associaram ao desejo sexual. Tratando-se de adolescentes, a interpretação é natural, pois “a sexualidade está presente no indivíduo desde o seu nascimento até a morte, percorre um caminho evolutivo e busca afirmação na adolescência” (CARIDADE, 1997, P. 51).

Também apresentaram sentidos e significados “sensuais” para o substantivo “lambuzar”, alegaram que alguns meninos usam essa palavra para referir-se ao ato sexual, pois esse verbete é comum em algumas letras de funk, como por exemplo *Se quiser falar de amor/ Fale com Marcinho/*

Vou te lambuzar/ Te encher de carinho. (MCMARCINHO, S/D). É na menção ao “corpo processo, corpo história, que vivemos a sexualidade” (CARIDADE, 1997, P. 51).

Chamar atenção sobre o tema sexualidade nas canções ouvidas pelos/as adolescentes é uma forma de fazê-los/as perceber que o corpo está na centralidade das experiências e contatos afetivos. A sexualidade e a exposição do corpo feminino no gênero canção *Funk* retrata uma temática erotizada quase sempre descrevendo encontros furtivos que levam ao contato sexual descompromissado, passando o modelo de “mulher-objeto” que está sempre à disposição do homem (dominador), reproduzindo uma construção histórica nas questões de gênero, impulsionando discussões acerca desses “jogos” de significações embaladas pela batida e ritmo dessas canções.

Após discussões sobre a imagem de mulher retratada no poema, seu corpo, seus desejos e linguagem, a professora conduziu à interpretação do texto, mostrando que a poetisa renuncia toda carga pejorativa com que a palavra “tição” apresenta e dá-lhe ares de ternura. Um coração tição é um coração negro e nas estrofes do poema o eu-lírico revela o que isto significa.

Perceberam com o auxílio da professora que o eu-lírico amparar-se na cultura negra “para não se perder e conseguir chegar ao seu destino”. Pode-se dizer que, o “não se perder” significa não se embranquecer, não se desviar de seus antepassados e para isso se “lambuza nos mares negros”. O ato de se lambuzar representa o necessário e revelador do intenso desejo do eu-lírico de se entregar à memória negra, de recuperar sua linhagem, que não é a descendência de escravos, mas uma descendência real, assumindo outro legado, o verdadeiro, e não o que a escravidão lhe deixou.

A partir dessas atividades em sala de aula, que despertaram leitores/as para conhecer mais sobre a história, mas do ponto de vista da literatura afro-brasileira, há a esperança para o despertar dessas meninas que ao terem contato com essa escritura feminina, também desejarão ter “corações tições”, pois estarão amparadas pela “uma verdade” que durante muitos anos elas não tiveram acesso.

3 AS (IN) CONCLUSÕES

Apresentar a escritura afro - feminina para meninas negras chegarem ao empoderamento e sentirem-se positivamente representadas nesses textos, diferente do que acontece, na maioria das vezes, na Literatura canônica, quando as mulheres negras são representadas de maneira estereotipadas, como objeto sexual, é uma forma de desconstrução e valorização de suas identidades, pois nas escrituras afro - femininas a mulher negra aparece humanizada, uma

pessoa com sentimentos, com uma história, uma família, sonhos, capaz de fazer coisas boas e ruins como qualquer outra. Uma mulher que procura romper com as representações que lhes foram reservadas e buscar a sua essência.

Os textos e as autoras apresentadas mostraram às docentes outras possibilidades de trabalho com literatura, que suas práticas pedagógicas podem ser destinadas a discussões e reflexões das várias temáticas sobre a diversidade étnica que afloram no espaço escolar permeando não apenas questões sociais e afetivas, mas também representações de corpos, gênero e sexualidades. Além disso, esses saberes contribuirão para discussões e reflexões sobre o sexismo, racismo e tantos outros preconceitos velados e inseridos no espaço escolar.

Disseminar a literatura da mulher negra brasileira foi de certa maneira uma forma de empoderamento individual e social para as meninas dessa escola, pois as enunciadoras se destacam são sujeitos que vivem em situações adversas e vislumbram outros mundos e outras vidas através da estética textual, elas autorizam-se a escrever, anunciam dizeres e contra-dizeres, mostram-se autônomas e seguras. O contato com os textos fomentou ainda mais questionamentos sobre os “modelos sociais” que pautam as relações de poder, de sexualidade, de preconceito e discriminação tão fortes e presentes em nosso tempo.

A escrevivência negra-feminina oportunizará não só conhecer as histórias de autoras que, a partir das próprias narrativas construíram em suas experiências sentidos visíveis para elas mesmas, mas também abrirá possibilidades de descoberta de histórias pessoais. Essa escritura permite mostrar às adolescentes negras quão importante é interpretar e ressignificar as próprias experiências, ato necessário para a construção de personalidades fortes e conscientes, capazes de libertarem-se de estereótipos e aprofundarem-se na busca do que é verdadeiro em cada uma, fortalecendo sua autoestima.

Oxalá as escrevivências das mulheres negras possam modificar a visão, de adolescentes para a desconstrução de estereótipos das representações sociais do homem negro e da mulher negra, para que possam renunciar a todas as verdades que lhes foram impostas e “libertarem” as novas gerações por meio de ações afirmativas no âmbito social e reconstrução das suas identidades.

4 REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antônio. Literatura e a vida social. In: _____. **Literatura e Sociedade**. 7. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1985. p. 27-50.

CARIDADE, Amparo. **Sexualidade: corpo e metáfora**. São Paulo: Iglu, 1997.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero.** Disponível em: <http://www.unifem.org.br/sites/700/710/00000690.pdf> acesso em 22 out. 2014.

CARNEIRO. Anni de Novais; FERREIRA. Silvia Lúcia. **Padrões de beleza, raça e classe: representações e elementos identitários de mulheres negras da periferia de Salvador.** In. 18º REDOR. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014, p. 1424-1438. Disponível em <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2136-4601-1-PB.pdf> acesso em 22. Mar. 2016

CRUZ, Ana. **E... feito de Luz.** Niterói: Ykenga Editorial LTDA: 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo:** Guy Debord (1931-1994). Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/socespetaculo.pdf> . Acesso: 07 jul. 2016.

GOELLNER. Silvana Vilodre; FIGUEIRA. Márcia Luiza Machado; JAEGER. Angelita Alice. “A educação dos corpos, das sexualidades e dos gêneros no espaço da Educação Física escolar”. In. SILVA, Fabiane Ferreira da... [et al.] (Orgs.). **Sexualidade e escola:** compartilhando saberes e experiências. 2. ed. Revisada e ampliada. Rio Grande: FURG, 2008.

MC MARCINHO. **Glamurosa.** Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-marcinho/305326/> . Acesso em: 12 jul. 2016.

PRENSKY, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais:** de OntheHorizon NCB University Press, v. 9, n. 5, out. 2001. Disponível em http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf. Acesso em: 07 jul.2016.

SOBRAL, Cristiane. Pixaim. In: _____. **Espelhos, Miradouros, dialéticas da Percepção.** Brasília: Editora Dulcina, 2011, p.120.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana.(orgs). **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009. P. 327-336.

Title

Afrofemale literature at school: contributions and reflections concerning black adolescent's affectivity.

Abstract

In adolescence happens the affective experiences, in it are unveiled the experiences that involve not only friendship between boys and girls, but relationships that can arrive at sexual initiation sometimes precocious. It is in adolescence that the transformations of the body are revealed, concepts of beauty and conflicts about what is beautiful and acceptable. In the school space, these issues take shape, generating situations of discrimination and prejudice. These experiences can bring disastrous engagements and negatively mark the stories making the process of self-discovery difficult. Reflecting and discussing the experiences of adolescents in school is not so easy, as there is still some resistance in discussing the subject in the classroom. It is also evident that in addition to difficulties in adolescence, black girls feel rejected and devalued because they do not "fit" into the pattern of beauty that shapes our society. Given this context, proposed pedagogical practices about the affectivities of black adolescents from the writing of women, also black. Afrofemale writing gains visibility in the literary tradition scene, being a different and innovative literature that can contribute, interfere and help teachers and students in this much-needed discussion for the construction of strong and conscious personalities capable of freeing themselves from stereotypes and deepen the search for what is true in each one, strengthening them in their identities.

Keywords

Affectivities; sexualities; adolescence; afrofemale literature.

Recebido em: 01/04/2017.

Aceito em: 19/04/2017.